

UMA CISTA DO BRONZE DO SUDOESTE EM ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO (SERPA) ⁽¹⁾

por **António M. Monge Soares**

LOCALIZAÇÃO

Nos primeiros dias de Agosto de 1970, tive conhecimento por intermédio do sr. Manuel José Pica que, no ano anterior, quando um tractor lavrava um seu olival na zona do Carapetal, freguesia de Aldeia Nova de S. Bento, concelho de Serpa, tinha posto a descoberto uma sepultura com aspecto de bastante antiga.

Nos dias 11 e 12 desse mesmo mês, acompanhado desse senhor e de alguns amigos, explorámos a sepultura.

A propriedade do sr. José Pica confronta a Este com a estrada Nacional N.º 392 (estrada do Cruzeiro), distanciando à volta de 6 km do cruzamento dessa estrada com a Nacional N.º 260. A cista encontrava-se a cerca de 30 metros da estrada (Fig. 1).

DESCRIÇÃO DA CISTA

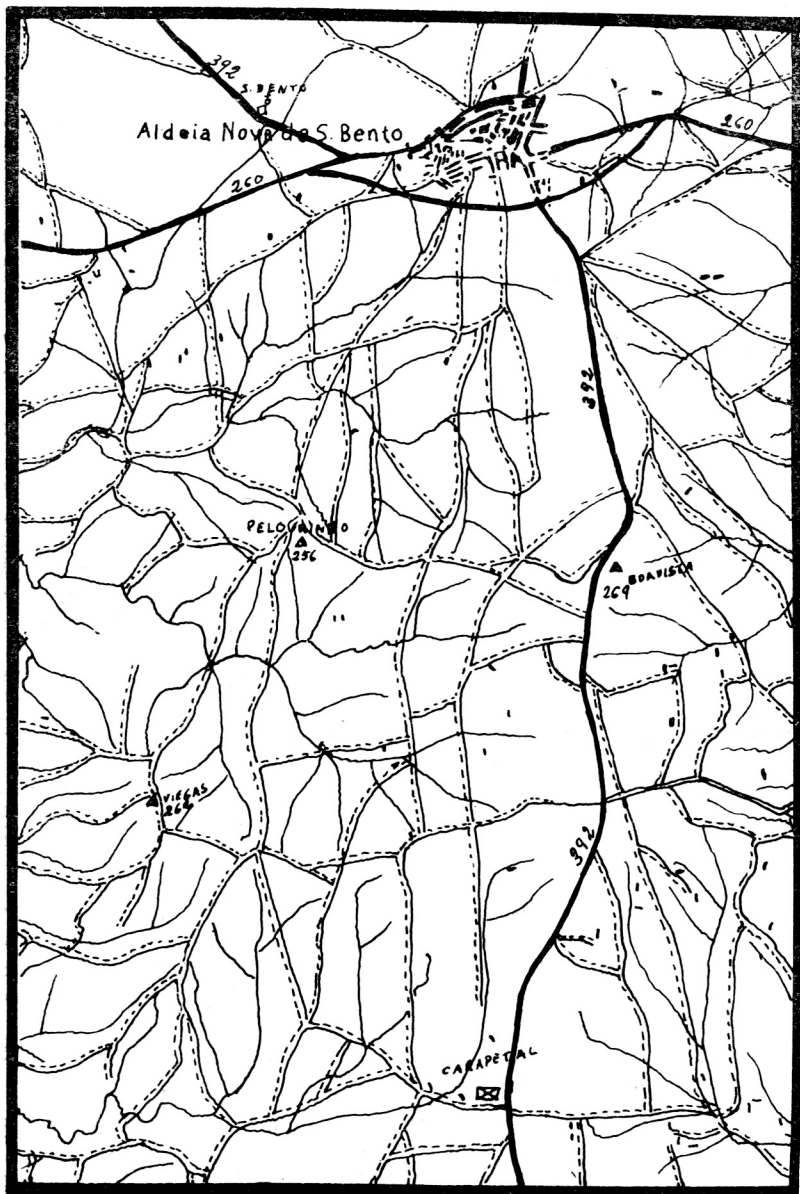
O tractor tinha levantado e arrastado a tampa da sepultura, não se encontrando esta, quando a observámos, no seu lugar primitivo. Tratava-se de uma grande laje de grauaque com uma espessura média de 16 cm, 1,40m de comprimento e 0,65 m de largura

Fácil nos foi pôr a descoberto o contorno superior da cista. Bastou-nos para isso retirar uma camada de terra com uns 10 cm de espessura. Verificámos que tinha uma forma ligeiramente trapezoidal, sendo constituída por quatro lajes do mesmo material da tampa, e orientada no sentido Nascente-Poente (Fig. 2).

Começámos, então, a retirar a terra que tinha entrado para dentro dela, a qual tinha a mesma constituição da terra arável do olival.

A 30 cm de profundidade apareceu-nos o crâneo e a seguir todo o esqueleto.

(1) Há uma pequena referência a esta cista no trabalho de Hermanfried Schubart, «DIE KULTUR DER BRONZEZEIT IM SÜDWESTEN DER IBERISCHEN HALBINSEL», Berlin, 1975, pg. 257 e Carta 5 (93 b).



☒ SEPULTURA

Fig. 1 — Mapa da zona onde se situa a cista baseado na Carta Corográfica de Portugal na escala 1 : 50 000, folhas 43-D e 44-CD.

Agora a terra que envolvia o espólio era diferente — mais frouxa e com outra coloração. Perto do canto NE encontrava-se o vaso cerâmico. Como a laje Este tinha cedido um pouco, devido à pressão das terras, o vaso estava bastante fragmentado desse lado. Junto dos ossos do braço esquerdo, a 10 cm da laje Norte e a 30 cm da laje Oeste, apareceu-nos a lâmina de um punhal de cobre (?).

Não havia mais espólio e o fundo da sepultura, a 45 cm de profundidade, era constituído por rocha calcária muito alterada, rocha essa onde estavam implantadas as lajes.

A uns 20 metros a Oeste desta sepultura apareceram alguns fragmentos de lajes de grauaque. É possível que se tratasse doutra sepultura já destruída.

DESCRIÇÃO DO ESPÓLIO

Conseguiu-se obter o crâneo praticamente completo e alguns ossos longos. Trata-se dum indivíduo do sexo masculino, ainda novo, o qual foi sepultado com os joelhos flectidos (única maneira, aliás, de caber em espaço tão pequeno). Deu-nos, também, a impressão do membro superior direito ter sido partido na articulação do braço com o antebraço.

O punhal (Fig. 3) encontra-se em muito bom estado de conservação. Perdurava ainda aderente um rebite num dos três entalhes de que é provido. Nota-se perfeitamente até onde estava encabado, pois aquela parte que estava fora do cabo encontra-se ligeiramente corroída o que não acontece com a outra.

O vaso cerâmico (Fig. 4) encontrava-se como já atrás dissemos, fragmentado devido à pressão da laje Este. No entanto, foi reconstituído facilmente, até porque, dentro do vaso, encontravam-se, embora em muito mau estado, os fragmentos que faltavam. Exteriormente é alisado, apresentando uma cor castanho-avermelhada, com alguns tons acinzentados devido à cozedura. O interior é mais escuro, de tons quase negros. A pasta bastante friável é de cor avermelhada, apresentando pequenos grãos de quartzo. É provido de dois mamilos junto ao bordo, diametralmente opostos e com uma perfuração horizontal efectuada em parte, também, na parede do vaso.

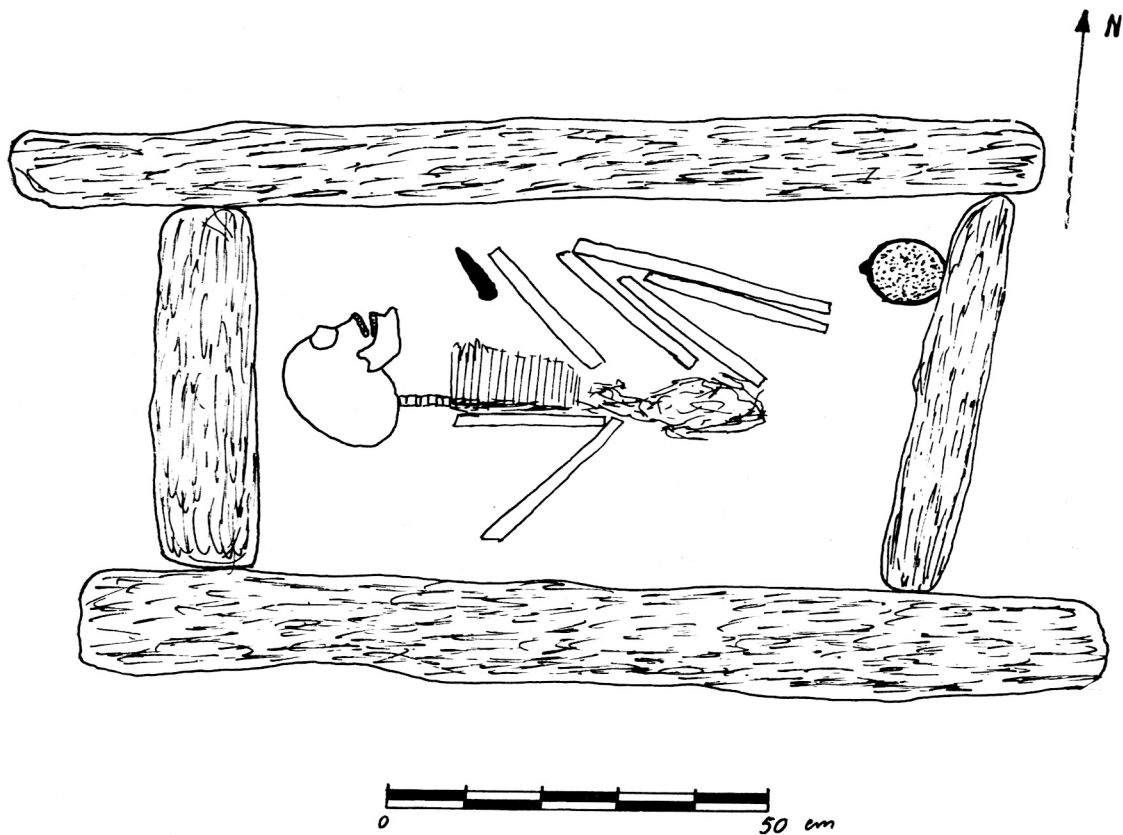


Fig. 2 — Planta da cista com o espólio em posição relativa.

CONCLUSÕES

Trata-se, sem dúvida alguma, quer pela forma quer pelo espólio, duma sepultura do Bronze Meridional Português ou do Bronze do Sudoeste, segundo a terminologia de Schubart (2).

Da observação do enchimento da cista, ficou-nos a convicção de que o cadáver foi colocado sem ser coberto por terra, o que aliás é o habitual nesta Cultura (3).

É também frequente neste tipo de sepulturas aparecer um punhal de cobre. Podem ter dois ou mais rebites, que são colocados em furos ou entalhes praticados na folha do punhal e através dos quais o cabo é fixado à lâmina. Ignoramos se o modo de encabar (com furos ou com entalhes) tem qualquer significado cronológico. Note-se que a maior parte destes objectos têm sido exumados numa condição já muito precária (muito atacados pela corrosão), o que torna ainda mais difícil a resolução deste problema. O nosso punhal, felizmente, está muito bem conservado. Tem três entalhes a que corresponderiam os respectivos rebites. Além disso observa-se, perfeitamente, o martelado do rebordo da lâmina do punhal a fim de lhe dar um gume cortante, o que nos faz lembrar os punhais do horizonte de Ferradeira, cujas secções se assemelham muito com a deste (4). O mais parecido ao nosso, embora um pouco maior, é um existente no Museu Regional de Beja mas, infelizmente, de proveniência desconhecida (5).

O vaso apresenta uma forma inédita até agora nesta Cultura. Para lhe encontrarmos paralelos teremos de recuar até ao Neolítico (Lapa do Fumo (6), Cueva de los Murciélagos (7)), onde aparecem vasos com um perfil e dimensões muito parecidas, mas decorados. Os mamilos aparecem, muitas vezes, em vasos desta época (Bronze) e existem paralelos para os mamilos perfurados horizontalmente junto ao bordo (8). A

(2) Schubart, op. cit..

(3) Abel Viana e F. Nunes Ribeiro, «NECRÓPOLES ARGARICAS DE SATA VICTÓRIA», in «Notas Históricas, Arqueológicas e Etnológicas do Baixo Alentejo», sep. do Vol. XIII do Arquivo de Beja, Beja, 1957.

(4) Schubart, op. cit..

(5) Abel Viana, «BRONZES PROTO-HISTÓRICOS», in «Museu Regional de Beja», sep. do Arquivo de Beja, Vol. I, Fasc. II, Beja, 1944.

(6) E. da Cunha Serrão, «CONTRIBUIÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO SUDOESTE DA PENINSULA DE SETÚBAL», in «Setúbal Arqueológica», Vol. I, Setúbal, 1975.

(7) Maria Hopf e Ana Maria Muñoz, «NEOLITHISCHE PFLANZENRESTE AUS DER HÖHLE LOS MURCIÉLAGOS BEI ZUHEROS (PROV. CORDOBA)», in «Madriider Mitteilungen», Vol. 15, 1974.

(8) O. da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida, «A NECRÓPOLE DO BRONZE MERIDIONAL PORTUGUÊS DA HERDADE DO PERAL (EVORA)», in «Madriider Mitteilug», Vol. 12, 1971.

forma apresentada por este vaso é que até agora era desconhecida nesta Cultura.

Embora o espólio desta sepultura apresente os caracteres arcaizantes atrás referidos, podemos situá-la, dada a forma da cista e as dimensões do punhal, na transição do Bronze I para o Bronze II do Sudoeste da Península Ibérica.

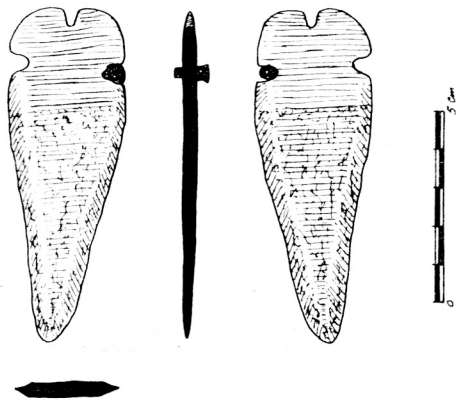


Fig. 3 — Punhal

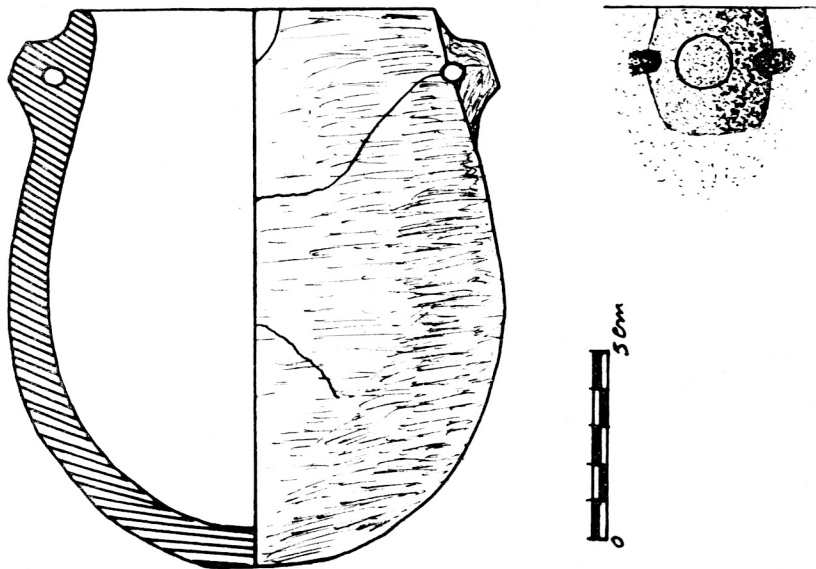


Fig. 4 — Vaso cerâmico.

SUMMARY

In 1970, a stone cist was explored near Aldeia Nova de S. Bento (Sørpa). In it had been buried a still young individual of the male sex. Near the body, a copper (?) dagger and a ceramic vase had been deposited. The blade of the dagger is in a very good state of conservation; it has three notches where the rivets were fixed. One of the latter still remains. The point up to which the dagger blade was helved is perfectly noticeable.

The pottery vase is of a very friable, reddish-coloured clay. On the exterior it was smoothed. It has two diametrically opposed, horizontally perforated, nipple-like protuberances near the rim.

The form of the vase is inedited in this Culture, without any parallels having been found, unless we regress into the Neolithic where very similar, although decorated, vases appear.

We can date the cist as being of the transition from the Bronze I to the Bronze II of the Southwest of the Iberian Peninsula.